

ENGENHO PEDRO OSÓRIO: NARRATIVAS ENTRE O PASSADO E PRESENTE

SIMONE FERNANDES MATHIAS¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – simonefernandezpel@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O Engenho Pedro Osório localiza-se na cidade de Pelotas, no sul do Rio grande do Sul, às margens do canal São Gonçalo, no território do Passo dos Negros, vizinho do bairro Navegantes. Este foi um dos maiores engenhos de arroz da América Latina. As narrativas dos/as moradores/as dessa localidade ressaltam a importância do Engenho Pedro Osório para as/os moradoras/es mais antigas da localidade. Segundo GUTIERREZ (2011) a localidade do Passo dos Negros, tem importância no contexto histórico na cidade, pois ali se formaram as primeiras charqueadas, o primeiro porto da cidade, entrada e saída de mercadorias, muitas dessas vindas do exterior, assim como homens, mulheres e crianças escravizadas. Com o término das charqueadas e o fim do ciclo charqueador, os/as descendentes de escravos, por já estarem no território foram trabalhar no engenho.

Com o declínio econômico do ciclo charqueador, se inicia um novo advento para a cidade, a economia arroseira. Segundo BESKOW (1984) o ciclo do arroz está vinculado a reestruturação do capital. Pensando no crescimento das cidades, da população e também dos hábitos alimentares, assim como no fácil armazenamento deste produto e na sua grande produção em escala no país.

“Assim, o cultivo do arroz irrigado no Rio Grande do Sul está associado ao surgimento da agricultura especializada e de um complexo agroindustrial para atender, inicialmente, os mercados nacionais. Até então, a produção estava associada a subsistência das pequenas propriedades rurais cujo excedente da produção não passava os limites dos mercados urbanos do Rio Grande do Sul.” (DOSSIÊ DO PASSO DOS NEGROS, 2018)

O coronel Pedro Osório ficou conhecido como o “Rei do Arroz”, tamanha a produtividade do engenho, que chegou em seu auge a produzir a quantidade de 700.000 mil sacos em casca e 1200.00 sacos, em dez horas de trabalho, podemos comparar o engenho, como uma produção em massa. (COSTA,1922)

Ele foi citado em muitas narrativas moradores /as, como um homem generoso e provedor de melhorias na região, construiu a primeira escola da localidade, denominada Visconde de Mauá, o prédio desta ainda pode ser encontrado no local, além de a energia elétrica, saneamento básico, construiu moradias para os funcionários e suas famílias. O coronel também doou uma área, onde foi construída a sede do Osório Futebol Clube, essa destinada como espaço de lazer para os funcionários do engenho. S. Aniba, atual presidente da sede, morador que nasceu na comunidade, diz que nesse lugar “*tem uma história rica, que dinheiro nenhum paga*” e “*que o Engenho Pedro Osório colocou muita comida na mesa.*”

Segundo a Secretaria de Cultura, no ofício de nº 0023\2018, o Engenho Pedro Osório e a vila de casas estão sendo repensadas nas cláusulas da AIEAC (Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural). Também estão incluídos no Sítio Charqueador, conforme artigo 70, do plano diretor. Tanto o engenho, como

outras referências culturais do Passo dos Negros estão em Perigo graças à crescente demanda e especulação imobiliária naquela localidade.

2. METODOLOGIA

Este trabalho apresenta algumas informações que respaldam minha pesquisa de mestrado em realização no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Meu trabalho está vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos – GEEUR, do Bacharelado em Antropologia, ao projeto de extensão *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para antropólogos/as em formação*, e ao projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*. As ações no Passo dos Negros são desenvolvidas por uma equipe de várias áreas, trazendo assim uma perspectiva multidisciplinar à pesquisa. Através das narrativas da comunidade do Passo dos Negros, trago a proposta de mostrar como a cidade se constrói e se reinventa, em sua fluidez. A paisagem urbana é heterogênea, pois é possível ver as temporalidades na materialidade, dessa forma ver as dinâmicas, sentimentos e valores dos indivíduos que habitam esse espaço (ALFONSO; RIETH, 2016). Por meio do diário de campo, busco a etnografia enquanto modo fazer, trazendo as narrativas dos moradores/as, mostrando suas maneiras de ver e fazer a cidade, através de seus saberes e historicidades. A pesquisa se realiza na comunidade do Passo dos Negros, onde é feito um trabalho em conjunto com moradores/as, em atividades como rodas de conversa, programas de rádio, audiências públicas, exposições itinerantes, apresentações em escolas, atendendo as demandas da comunidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o término das atividades do engenho Pedro Osório, muitos moradores/as continuaram no espaço, hoje exercem outras funções, como recicladores, trabalhadoras domésticas, serralheiros, pescadores, serviços gerais e autônomos. Contam através de suas narrativas um passado de fartura, para eles o engenho Pedro Osório continua sendo um bem cultural. Apesar das rachaduras, abandono do tempo, as dinâmicas de funcionamento estão nas suas lembranças e cotidiano. Seu Pedro chegou na localidade em 1969, trabalhou em diversas funções no engenho por quase trinta anos, em suas narrativas fala que foi o último lugar onde assinou a carteira de trabalho, diz esperançoso “*que espera o dia que o engenho abra de novo as portas*”.

Naquele espaço também funcionou uma leitearia e peixaria, empregando os moradores, ambas se encontram fechadas, e de se pensar nas dinâmicas de movimentações que ocorreram nesse espaço, onde o passado e o presente estão interligados, nas narrativas dos moradores/as. Segundo AGIER (2015) a cidade deve ser entendida e compreendida como um processo de fazeres, pois o fazer cidade é o meio de instauração do direito a cidade, pensando assim, num movimento contínuo de sua construção e desconstrução. S. Pedro atualmente tem o ofício de concertar e pintar charretes, assim como ele, outros moradores/as tiveram que procurar maneiras econômicas de sobrevivência, nas narrativas se sente a saudade de um tempo de fartura e da chaminé que anunciava uma boa safra e a garantia da comida da mesa.

Os interlocutores/as de minha pesquisa, enquanto conversam e caminham comigo pelo Passo dos Negros, apontam onde eram as casas e contam, quem eram as famílias que ali residiam, falam dos amigos que foram embora ou que já

faleceram. Relembra os trajetos que o gado fazia para chegar nas charqueadas, sendo que estes atravessavam toda a cidade para chegar ao Passo dos Negros pelo caminho das tropas. Recordam a movimentação do engenho, a entrada para o trabalho era bem cedo, a hora do almoço alguns iam em casa, outros já levavam as marmitas. Muitas vezes essas marmitas eram mexidas pelo Negrinho do Engenho, dizem que ele é menino escravo, esse ser que mora no Passo dos Negros desde o tempo das charqueadas e hoje continua a aparecer e interagir com as/os moradoras/es.

D. Marina moradora do Passo dos Negros, assim como seus familiares, nasceu e trabalhou no engenho *“a gente chamava também de engenho São Gonçalo, meu avô materno foi cozinheiro do coronel Pedro Osório”*, as mulheres tinham a função de costurar os sacos de arroz. É interessante pensar nas dinâmicas de movimentação que ocorreram e ocorrem nesse espaço, como horários, normas, regras, cotidiano, fazeres, compromissos e rotinas diárias, sendo lugar de grande movimentação na cidade, desde o período Charqueador.

Além das caminhadas e conversas com interlocutores/as, foram feitas pela equipe dos projetos rodas de conversas, realizadas no pátio da sede do Osório Futebol Clube. Estas também foram importantes pois a comunidade interage com a equipe e vai nos trazendo as narrativas de ontem e hoje. Uma geração que traz as falas de seus bisavós e avós sobre o passado e além de narrativas atuais de suas vivências, e dos cotidianos de seus filhos e netos. Segundo MAGNANI (1993) podemos pensar diversas maneiras de pertencer a um determinado espaço, nas diversas formas que são vistos, classificados, sentidos, explorando as relações que se dão nas práticas coletivas, assim como o espaço que se manifestam. Em uma roda de conversa, foram levadas fichas de funcionários que trabalharam no engenho, essas tinham fotos bem antigas dos funcionários, Seu Aniba reconheceu alguns funcionários, nos contou histórias dos que jogaram no Clube Osório, os apelidos vieram à mente, assim como histórias do lugar, como a do Negrinho do Engenho. Narrativas essas, que não encontramos em livros, artigos, sites, pois são próprias do Passo dos Negros, da oralidade faz parte desse contexto, e são desvalorizadas pelas narrativas oficiais.

Como forma de valorizar essas narrativas daquela comunidade, legitimar suas lutas pela preservação das histórias locais e dar visibilidade às suas formas de habitar a cidade, temos elaborado, desde 2014, exposições de curta duração com módulos do Passo dos Negros. Na exposição montada nas comemorações do Dia do Patrimônio de 2018, no porão da Biblioteca Pública Pelotense, as fichas dos ex-funcionários foram expostas no módulo. Também, uma taça e a camisa do Osório Futebol Clube, além de fotos e um mapa da localidade. Esse evento atraiu grande público da cidade, formado por estudantes e visitantes. O módulo chamou a atenção, pois as pessoas identificavam o lugar no mapa, uns já conheciam, mas muita gente nunca tinha ouvido falar.

Um visitante, conversando com a equipe do projeto, disse que conhecia o Passo dos Negros e que a chaminé do Engenho Pedro Osório é muito antiga, e é um marco da paisagem pois é possível avistá-la desde o Shopping Pelotas e arredores. Alguns senhores, olhando as fichas, reconheciam as fotos dos funcionários do Engenho. Muitas pessoas na cidade trabalharam ali. Alguns/as moradores/as da comunidade estiveram na exposição, se via em seus semblantes a emoção ao ver aqueles objetos tão importantes para eles/as, em exposição em imóveis históricos.

Em 2019 fomos convidados para montar uma nova exposição, no Dia do Patrimônio, no Porão da Biblioteca Pública Pelotense, a formação do módulo do Passo dos Negros foi composto por dois banners, com o título “ PATRIMÔNIO DO

PASSO DOS NEGROS: NÃO HÁ DINHEIRO QUE (A) PAGUE ESSAS HISTÓRIAS”, no primeiro trazendo o mapa atual da comunidade, seus bens culturais e seu cotidiano. O segundo, foi pensado a partir das narrativa, das crianças moradoras do Passo, trazendo um olhar de como eles/as percebem e sentem o local onde vivem, foi elaborado um banner com quadrinhos, mostrando a crescente especulação imobiliária, onde os empreendimentos vêm a localidade como lugar “vazio”. Também, as brincadeiras cotidianas, as partidas de futebol no Clube Osório, negrinho do engenho e a noiva de branco, outro ser que habita no Passo dos Negros. Pensando nessas dinâmicas, nosso grupo tem a intenção de escrever um gibi, contando essas narrativas, pelas crianças da comunidade. Histórias reais, para serem contadas para outras crianças, como na hora do conto, atividade realizada na Bibliotheca Pública Pelotense semanalmente. Cabe destacar que o projeto já possui uma parceria profícua com a Bibliotheca, não apenas na montagem das exposições, mas com a equipe do educativo, com quem organizamos uma atividade que trouxe as crianças do Passo dos Negros para conhecer a Bibliotheca. Consideramos que a leitura desse gibi na hora do conto, que envolve muitas crianças das escolas de Pelotas, traria visibilidade e legitimidade às narrativas das crianças moradoras do Passo.

4. CONCLUSÕES

Segundo DE CERTAU (2007) olhar uma “cidade-panorama” é excluir o entrelaçamento das ruas e caminhantes, sendo esses os praticantes ordinários da cidade. O estar em campo contribui com a aproximação com a comunidade, trazendo as narrativas compartilhadas por quem trabalhou no Engenho Pedro Osório e vivencia o território do Passo dos Negros. O fazer antropológico dialoga com a comunidade, sendo essa prioridade em todo processo de pesquisa. Dessa maneira se evidenciam as espacialidades e temporalidades do território do Passo dos Negros. Nosso compromisso ético é que nossas pesquisas possam valorizar e visibilizar estas narrativas contribuindo para as lutas e demandas desta comunidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, Louise; RIETH, Flávia. **Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural**. In: SCHIAVON, Carmem Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia. (Org. Patrimônios Plurais: iniciativas e desafios. Rio Grande; Ed. da FURG, v.p.131-147, 2016.
- AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo a margem e o centro**. Mana, Rio de Janeiro, v.21, n.3, 2015.
- BESKOW, Paulo R. **A formação da economia arrozeira do rio grande do sul**. Ensaio FEE, Porto Alegre, 4(2): 55-84,1984.
- DE CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- Dossiê do Passo dos Negros – IPHAN- 2018**
- COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Vol. I. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Livraria do Globo, Barcellos, Bertaso & Cia. 1922.
- GUTIERREZ, J B. Ester. **Negros, Charqueadas e Olarias: Um estudo sobre o espaço Pelotense**. 3 ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2011.
- MAGNANI, José. **Da periferia ao centro da cidade: pedaços e trajetos**. Revista de Antropologia, São Paulo, v.35,1993.
- SECRETARIA DE CULTURA DE PELOTAS: **Ofício nº 0023/2018 –DI 00824.00311/2017**